

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA (IFAC)  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (DEART)  
LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS (COLAC)

ISABELA FREIRIA YEDA MACEDO

**ESPAÇOS DE RESISTÊNCIAS: comunidade escolar, território e teatro**

OURO PRETO  
2023

ISABELA FREIRIA YEDA MACEDO

**ESPAÇOS DE RESISTÊNCIAS: comunidade escolar, território e teatro**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Artes Cênicas – Licenciatura do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Profa. Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini

OURO PRETO

2023



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabela Freiria Yeda Macedo

ESPAÇOS DE RESISTÊNCIAS: comunidade escolar, território e teatro

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura.

Aprovada em 31 de outubro de 2022

### Membros da banca

Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto  
Dr. Ernesto Gomes Valença - Universidade Federal de Ouro Preto  
Brenda Campos de Oliveira Freire

Neide das Graças de Souza Bortolini, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/01/2023



Documento assinado eletronicamente por **Neide das Graças de Souza Bortolini, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/02/2023, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0469224** e o código CRC **A8204284**.

Dedico este trabalho àquelas e àqueles que são RESISTÊNCIA: na arte, na educação e na luta por seus direitos!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Cosmos pela oportunidade de existir.

À Universidade Federal de Ouro Preto, pública, gratuita e de qualidade. E que ainda resiste ao desmonte da Educação.

Aos(às) técnicos(as) administrativos(as), aos(às) terceirizados(as) e aos(às) docentes do DEART. Um salve para Aginaldo, Fabiula Lu, Josi, Geovani e Reginaldo.

Aos professores e professoras que contribuíram para minha experiência no Teatro e na Educação. O aprendizado em via de mão dupla. Um salve para Ernesto Valença, Marcelo Rocco, Hayslan Rodrigues, Gio de Oliveira, Jotapê Antunes, Nina Caetano e Paulo Maffei, entre tantos e tantas.

Ao Programa de Residência Pedagógica - Artes: Ernesto Valença, Guilherme Paoliello, Giovany de Oliveira, Samir Antunes, Érika Curtiss e todos(as) os(as) colegas residentes que acrescentaram profundamente à minha jornada acadêmica em Licenciatura.

Ao Programa de Educação em Tempo Integral de Mariana/MG. Espero que um dia ele se torne uma política pública para que o direito à educação continue sendo assegurado às crianças. Agradeço aos encontros com que este trabalho me presenteou: Fatinha, Jaque, Jó, Rosi e Josi.

À Escola Municipal Bento Rodrigues: às crianças, educadoras, pedagogas, funcionárias de serviços gerais e da cozinha, a toda comunidade escolar e familiares pelas experiências vividas neste ano de 2022.

À minha família por jamais questionar minha profissão e por sempre me incentivar a seguir meu caminho.

Aos amigos e amigas com que Ouro Preto me presenteou, em especial, às pessoas que tornam a caminhada mais leve e prazerosa. Um salve para Jaqueline Lourenço, Matheus Borelli, Marina de Nóbile, Letícia Schinelo, Gustavo Maia, Júlia Ribeiro, Vina Amorim, Julia Veras, Camila Vendramini.

Ao Pedro Gaban Petindá Moreira, pelo carinho e admiração mútua que foram construídos ao longo das graduações.

Agradeço pelos encontros, pelas trocas e vivências.

Agradeço, agradeço e agradeço.

*Posso sair daqui para me organizar  
Posso sair daqui para desorganizar  
Posso sair daqui para me organizar  
Posso sair daqui para desorganizar*

*Da lama ao caos, do caos à lama  
Um homem roubado nunca se engana  
Da lama ao caos, do caos à lama  
Um homem roubado nunca se engana*

*(Chico Science & Nação Zumbi, 1994)*

## RESUMO

Neste artigo serão tratadas as vivências e reflexões acerca da comunidade escolar de Bento Rodrigues, considerando a Escola Municipal de Bento Rodrigues, a Oficina de Teatro e Dança e a desterritorialização decorrente do desastre-crime da mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton na barragem de Fundão (Mariana - Minas Gerais) transcorridos sete anos - 2015 a 2022. O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido no dia 5 de novembro de 2015, afetou drasticamente a vida de pessoas residentes nos territórios por onde a lama passou. Isso se deu desde Bento Rodrigues, o primeiro subdistrito atingido de Santa Rita Durão (distrito de Mariana/MG), até o subdistrito de Regência, correspondente ao distrito de Linhares, no Espírito Santo. Esse foi o maior desastre ambiental da história do país, sendo responsável por sérias implicações no âmbito social, dezenove mortes e fortes impactos devido à desocupação desses territórios, o que interfere na economia, na cultura e na política - especialmente no que tange às populações negras e indígenas que vivem às margens do rio Doce. O “Mariana Cidade-Escola: Programa de Educação em Tempo Integral” (2020-2024), vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Mariana/MG, é uma proposta educacional que pretende contribuir com a Educação Básica ao atender crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental em atividades complementares ao currículo do ensino regular. A dinâmica do Programa, que acontece no contraturno das aulas do Ensino Regular, ocorre da seguinte maneira: cada escola é atendida com cinco oficinas - Artesanato, Educação Patrimonial e Ambiental, Esporte e Lazer, Estudos Orientados, Música, Teatro e Dança. Tais oficinas auxiliam no desenvolvimento discente e escolar – considerando ainda as relações entre turma, escola, comunidade e município. Dentre as escolas atendidas pelo Programa, o artigo trata da Oficina de Teatro e Dança do Programa Tempo Integral na Escola Municipal Bento Rodrigues, localizada temporariamente no centro de Mariana, devido à desterritorialização do subdistrito de Bento Rodrigues a partir do rompimento da barragem de Fundão. O artigo trata, ainda, do processo de criação e apresentação teatral de “A procissão das almas e os fantasmas da Rua São Bento” realizado em setembro de 2022 que, nesse contexto, aborda a desterritorialização da comunidade escolar de Bento Rodrigues e suas reverberações.

Palavras-chave: comunidade escolar; Bento Rodrigues; desastre-crime; teatro; território; educação; resistência.

## **Mariana Cidade-Escola: Programa de Educação em Tempo Integral**

O “Mariana Cidade-Escola: Programa de Educação em Tempo Integral” (2020-2024) é uma proposta educacional que compreende a formação complementar de sujeitos que se encontram em idade escolar, sendo realizada no contraturno das aulas. Assim, ao atender crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, o Programa se estrutura em atividades complementares ao currículo do ensino regular. Vinculado à Secretaria de Educação da Prefeitura de Mariana/MG, o Tempo Integral tem por objetivo “promover a cidadania ativa e a participação dentro e fora da escola, possibilitando a interação dos alunos com seu ambiente social, cultural, esportivo e educativo, visando melhoria do aprendizado e da qualidade de vida” (PREFEITURA DE MARIANA, 2022).<sup>1</sup>

Tendo em vista as medidas de biossegurança para o combate à pandemia de COVID-19<sup>2</sup>, o Programa teve suas atividades suspensas no ano de 2020. Em 2021, dezenove escolas municipais se aderiram ao Programa, quando sua proposta foi reelaborada para se adequar ao modo de atividades remotas. Somente em junho de 2022 é que houve o retorno às aulas presenciais, sendo que o Tempo Integral seguiu as exigências do período pandêmico e as necessidades do momento pós-pandêmico. Se o Programa acompanha o calendário escolar do ensino regular, neste ano, ele teve início somente no final do primeiro semestre, faltando menos de dois meses para o recesso escolar que aconteceu em julho. Isso ocorreu devido à contratação de pessoal para atender ao aumento na demanda de serviços de limpeza, alimentação e supervisão de alunos(as).<sup>3</sup>

A dinâmica do Programa, que acontece no contraturno das aulas do ensino regular, ocorre da seguinte maneira: cada escola é atendida com cinco oficinas – Artesanato, Educação Patrimonial e Ambiental, Esporte e Lazer, Estudos Orientados, Música, Teatro e Dança. Tais oficinas contribuem para a formação dos(as) estudantes oferecendo atividades que dão sequência ao aprendizado do ensino regular e que auxiliam em seu desenvolvimento enquanto

---

<sup>1</sup> Conforme consta na Proposta Pedagógica do “Mariana Cidade-Escola Programa de Educação em Tempo Integral”, enviada em março de 2022 para todas as escolas municipais que aderiram ao Programa.

<sup>2</sup> Para mais informações: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 11/09/2022

<sup>3</sup> Apesar de me referir ao Programa da gestão atual (2020-2024), essa iniciativa está em vigência desde 2007, o que faz questionar o motivo de tanta demora em dar início às atividades em 2022, visto que o Programa conta com mais de dez anos de existência. Essa tardança compromete a continuidade do Programa, bem como sua credibilidade e pode implicar na desvalorização deste e na importância que ele tem para a formação de alunos e alunas enquanto cidadãos e cidadãs, e por consequência no desenvolvimento municipal.

indivíduos e enquanto pessoas que compõem um coletivo, seja em micro ou em macro escala – turma, escola, comunidade, município.

Dentre as escolas atendidas pelo Programa, atuo enquanto monitora<sup>4</sup> nas oficinas de Teatro e Dança em quatro delas: Escola Municipal Joaquim Emílio Baptista, localizada em Goiabeiras, subdistrito de Mariana; Escola Municipal Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, localizada na periferia de Mariana, no bairro Rosário; Escola Municipal de Paracatu de Baixo e Escola Municipal Bento Rodrigues, ambas localizadas temporariamente no centro de Mariana.

Assumi o cargo de monitora de Teatro e Dança e, a partir de uma recontração, fui designada para o bloco de quatro escolas, cumprindo com a carga horária de 20 horas semanais. As turmas são assim organizadas no Tempo Integral: 1º e 2º ano (turma II) e 3º ao 5º ano (turma I) do Ensino Fundamental. Sendo assim, semanalmente ofereço oito oficinas, duas em cada escola. Cada oficina tem duração de duas horas. Compareço às escolas apenas uma vez por semana, sendo que meu dia de atividades na escola de Bento Rodrigues é a quarta-feira. É pertinente trazer essas informações para se fazer entender o contexto que vou adentrar.

ESCOLA	LOCALIZAÇÃO	TURMA	DISCENTES INSCRITOS/AS
Joaquim Emílio Baptista	Goiabeiras (46,8 km de Mariana)	1º ao 5º ano - Ensino Fundamental	25
<b>Bento Rodrigues</b>	<b>Centro de Mariana (local provisório)</b>	<b>1º ao 5º ano - Ensino Fundamental</b>	<b>20</b>
Paracatu de Baixo	Centro de Mariana (local provisório)	1º ao 5º ano - Ensino Fundamental	31
Dom Luciano P. M. de Almeida	Bairro Rosário, Mariana	1º ao 5º ano - Ensino Fundamental	33

Tabela 1: Quadro de horários correspondente à monitoria de Teatro e Dança. Fonte: elaboração própria.

De modo especial, neste artigo serão tratadas apenas as vivências e reflexões relativas à Escola Municipal Bento Rodrigues, considerando o impactante histórico dessa instituição, o ensino de Teatro e Dança, a comunidade, seu território e sua desterritorialização. O “Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência II (ART395)” foi realizado nessa escola e, por isso, surgiu um forte apreço e admiração pelas educadoras da instituição, colegas de trabalho que se encontravam em recíproca identificação com as crianças e os familiares. Desse modo, continuo lecionando para as crianças da escola de Bento Rodrigues no Programa Tempo Integral de Mariana durante a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso, o que se tornou o principal tema deste artigo.

---

<sup>4</sup> A função de monitora neste Programa é bastante semelhante a função de professora regular, seguindo inclusive, os processos de designação da Prefeitura Municipal de Mariana. Concluí o curso de Bacharelado em Interpretação Teatral (2019/DEART/UFOP) e isto me possibilitou ser designada. Também a monitoria foi uma das oportunidades de realizar o estágio do curso de Licenciatura.

## **Oficina de Teatro e Dança**

Conforme descrito na Proposta Pedagógica do “Mariana: Cidade-Escola Programa de Educação em Tempo Integral”, o objetivo geral da oficina de Teatro e Dança é:

Propiciar ao aluno, por meio da ludicidade, o desenvolvimento psicomotor, corporal, cognitivo, motor, imaginação, criação, interpretação, noção de lateralidade, noção de espaço e coletividade. Bem como, a partir do que o local oferece, criar possibilidades para o aluno descobrir e vivenciar novos espaços, novas formas de criar, recriar, ressignificar, superar suas limitações, aprimorar suas habilidades, desenvolver capacidades críticas e de compreensão das suas relações em sociedade, na família, e na escola; assim como suas capacidades expressivas em arte (PREFEITURA DE MARIANA, 2022, p. 30).

Nesse sentido, é importante salientar que cada oficina do Programa segue um planejamento mensal, contendo unidade temática, objetos de conhecimento e habilidades específicas – esta última em concordância com a Base Nacional Comum Curricular<sup>5</sup> –, que são referentes à especificidade das oficinas. No caso da oficina de Teatro e Dança, as habilidades específicas são referentes ao ensino de arte, e as unidades temáticas e objetos de conhecimento foram debatidos e definidos pelas próprias monitoras e monitores de Teatro e Dança em reuniões preparatórias e em documentos anteriores ao início do ano letivo de 2022.

Para atender a uma demanda da Secretaria Municipal de Educação, desenvolvi um planejamento que abrangesse atividades voltadas para o tema da Semana do Tempo Integral (STI), um evento incluído no calendário escolar da Prefeitura de Mariana. O evento tem como finalidade apresentar uma mostra dos trabalhos desenvolvidos pelas oficinas desde o início das atividades do Programa (neste caso, o mês de junho de 2022). O tema escolhido neste ano para a STI, agendada de 26 a 30 de setembro, foi “a arte e a cultura marianense”. Neste contexto, busquei lendas e personagens do folclore brasileiro e da região de Mariana a partir de literaturas disponíveis na biblioteca escolar e de narrativas orais, a fim de encontrar possíveis encenações teatrais que poderiam compor a mostra de trabalhos a ser apresentada pelas turmas em que ministro a oficina de Teatro e Dança.

## **O encontro com a comunidade escolar de Bento Rodrigues**

---

<sup>5</sup> Para melhor entender essas diretrizes, segue o link de acesso da Base Nacional Comum Curricular, direcionado à etapa do Ensino Fundamental: Anos Iniciais, no entanto, o estudo da BNCC não é objeto de discussão nesse artigo. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>

“Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.” (KRENAK, 2020, p. 14)

No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão da mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton<sup>6</sup> se rompeu causando um tremendo desastre<sup>7</sup> em Bento Rodrigues (subdistrito de Santa Rita Durão, Mariana/MG) e em Paracatu de Baixo (subdistrito de Monsenhor Horta, Mariana/MG), destruindo os vilarejos e deixando mais de trezentas famílias desabrigadas, o que se tornou notícia mundial. Além do imensurável impacto ambiental à fauna e à flora, mais de trinta cidades e comunidades dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo foram diretamente atingidas. Os rios Gualaxo do Norte e do Carmo foram afetados, impactando inclusive a bacia hidrográfica do rio Doce que nasce em Minas Gerais e deságua em Regência, distrito de Linhares/ES. Foram mais de sessenta milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério<sup>8</sup> dispensados por uma extensão de 663,2 km até a foz do rio Doce, causando impactos irreversíveis às populações ribeirinhas, constituídas em sua maioria por pessoas negras e indígenas. O povo Krenak habita a região de Resplendor em Minas Gerais, e, por isso, é importante destacar a narrativa de um de seus principais líderes: “O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas [...] é uma parte de nossa construção como coletivo que habita um lugar específico [...]” (KRENAK, 2020, p.40). Essa importante voz da atualidade completa sua fala sobre a relevância da Bacia do Rio Doce:

O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do Rio Doce, entre Minas e Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma, faz um ano e meio que esse crime – que não pode ser chamado de acidente – atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou (KRENAK, 2020, p.42).

---

<sup>6</sup> Para se compreender este termo é preciso recorrer ao texto das pesquisadoras Monique Sanches e Sandra Nogueira (2017) que aprofundam a questão: “A constituição da Samarco em um modelo *join adventure* permite uma pulverização de responsabilidade entre os grupos acionistas. Estes, por conseguinte, possuem lucros garantidos, mesmo em cenários econômicos adversos, em detrimento de investimentos na modernização operacional e tecnologias de segurança. Soma-se a esta realidade a inação do Estado, nas suas esferas fiscalizatória, judicial e acadêmica, sobre a atuação destas empresas na exploração mineral. Assim, espaços cada vez mais ampliados são licenciados para a atuação das mesmas com, cada vez menos, controle, fiscalização, auditoria e pesquisa.” (MARQUES, NOGUEIRA, 2017. p. 10).

<sup>7</sup> Informações mais precisas, incluindo o laudo técnico preliminar, estão disponíveis em: <http://www.ibama.gov.br/cites-e-comercio-externo/cites?id=117>. Acesso em: 11/09/2022

<sup>8</sup> Segundo análise de evidências científicas realizada na Universidade de São João del Rei, “estudos demonstraram aumento nos níveis de metais pesados, principalmente de ferro (Fe), manganês (Mn), cobre (Cu), chumbo (Pb), níquel (Ni), alumínio (Al), cromo (Cr), cobalto (Co), cádmio (Cd), mercúrio (Hg) e arsênio (As) nas amostras de água” (OLIVEIRA; SANTOS; THOMÉ; CHEQUER, 2021, p. 3).

É com as palavras de Ailton Krenak que se inicia a contextualização da noção de perda território, situação em que vive a comunidade escolar de Bento Rodrigues apresentada neste artigo.



Figura 1: Sequência de imagens de satélite de Bento Rodrigues antes e após o rompimento da barragem. Fonte: Imagens de Satélites Google Earth – Sequência de imagens em perspectiva datadas de 08/2014 e 12/2015.



Figura 2: Sequência de imagens de satélite de Bento Rodrigues antes e após o rompimento da barragem. Fonte: Imagens de Satélites Google Earth – Sequência de imagens em perspectiva datadas de 04/2016 e 06/2016.



Figura 3: Sequência de imagens de satélite de Bento Rodrigues antes e após o rompimento da barragem. Fonte: Imagens de Satélites Google Earth – Sequência de imagens em perspectiva datadas de 06/2017 e 05/2022.

Nas imagens acima é possível observar a reconfiguração que Bento Rodrigues sofreu de 2014 ao ano atual, 2022. A primeira imagem (08/2014-12/2015) apresenta o vilarejo antes do irrompimento da lama, sendo possível perceber sua dimensão e localizar a maior parte de onde se concentrava o povoado de mais de quatrocentos habitantes. Na segunda imagem (04/2016-06/2016), nota-se que o vilarejo foi coberto quase em sua totalidade, restando apenas a parte mais alta, com poucas casas inteiras. Já na terceira imagem (06/2017-05/2022), o cenário é diferente: a lama fora coberta por água, tendo formado represas, pois a mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton construiu diques sob a justificativa de filtrar a água das chuvas e impedir a lama de continuar a atingir o rio Gualaxo do Norte. Contudo, do ponto de vista de alguns moradores e ativistas, essa ação é vista como um encobrimento do crime cometido pela mineradora, como podemos conferir na reportagem do Jornal Estado de Minas<sup>9</sup>.

Destaco a indispensável concepção de território de Milton Santos em que o autor aprofunda o tema da globalização e aponta como o mercado econômico implanta uma lógica perversa e interfere significativamente na vida das pessoas, uma vez que a lógica do capital, favorece as grandes empresas:

---

<sup>9</sup> Na reportagem é também apontada a justificativa da mineradora. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/10/31/interna\\_nacional.819643/parte-das-ruinas-de-mariana-sera-alagada.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/10/31/interna_nacional.819643/parte-das-ruinas-de-mariana-sera-alagada.shtml). Acesso em: 12/10/2022

Há um conflito que se agrava entre um espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos, e um espaço global, habitado por um processo racionalizador e um conteúdo ideológico de origem distante e que chegam a cada lugar com os objetos e as normas estabelecidos para servi-los. Daí o interesse de retomar a noção de espaço banal, isto é, o território de todos, frequentemente contido nos limites do trabalho de todos; e de contrapor essa noção à noção de redes, isto é, o território daquelas formas e normas ao serviço de alguns. Contrapõem-se, assim, o território todo e algumas de suas partes, ou pontos, isto é, as redes. Mas, quem produz, quem comanda, quem disciplina, quem normaliza, quem impõe uma racionalidade às redes é o Mundo. Esse mundo é o do mercado universal e dos governos mundiais. O FMI, o Banco Mundial, o GATT, as organizações internacionais, as Universidades mundiais, as Fundações que estimulam com dinheiro forte a pesquisa, fazem parte do governo mundial, que pretendem implantar, dando fundamento à globalização perversa e aos ataques que hoje se fazem, na prática e na ideologia, ao Estado Territorial. Quando se fala em Mundo, está se falando, sobretudo, em Mercado que hoje, ao contrário de ontem, atravessa tudo, inclusive a consciência das pessoas (SANTOS, 2005, p.259).

Nas imagens seguintes, são feitos recortes de partes atingidas do subdistrito, e da Escola Municipal Bento Rodrigues antes e depois do rompimento da barragem, de forma que se possa perceber a dimensão do desastre na vida dessa comunidade.



Figura 4: Bento Rodrigues dias após o rompimento da barragem, 2015. Fonte: Antônio Cruz/Agência Brasil<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Disponível em: Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/05/presidente-da-fundacao-renova-e-denunciado-pelo-ministerio-publico-por-comercio-ilegal-de-madeira-na-amazonia/>. Acesso em: 04/10/2022



Figura 5: Escola Municipal Bento Rodrigues antes do rompimento da barragem, 2012.  
Fonte: Google Street View<sup>11</sup>.



Figura 6: Restos da Escola Municipal Bento Rodrigues após o rompimento da barragem, 2015.  
Fonte: Avenir Prado/Folhapress<sup>12</sup>.



Figura 7: Restos da Escola Municipal Bento Rodrigues após o rompimento da barragem, 2022.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Conforme aponta o artigo de Filipin, Filipin e Gomes (2016), numa tentativa de síntese, são trazidos os dados do IBAMA<sup>13</sup> que listou os danos causados ao meio ambiente:

<sup>11</sup> Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/16/antes-depois-bento-rodrigues/>. Acesso em: 30/08/2022

<sup>12</sup> Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/16/antes-depois-bento-rodrigues/>. Acesso em: 30/08/2022

<sup>13</sup> O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, mais conhecido pelo acrônimo IBAMA, criado pela Lei nº 7.735 de 22 de fevereiro de 1989, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

- 663,2 Km de corpos hídricos diretamente impactados (do Rio Doce até a foz no oceano atlântico, chegando ao município de Linhares/ES);
  - **19 Mortes de trabalhadores, moradores e visitante;**
  - Desalojamento de populações;
  - Devastação de localidades e desagregação dos vínculos sociais da comunidade;
  - Destruição de estruturas públicas e privadas (edificações, pontes ruas, etc.)
  - Destruição de áreas agrícolas e pastos, com perdas de receitas econômicas;
  - Interrupção da geração de energia elétrica pelas hidrelétricas atingidas;
  - Destruição de áreas de preservação permanente e vegetação nativa de Mata Atlântica;
  - Mortandade de biodiversidade aquática e fauna terrestre;
  - Assoreamento dos cursos d'água;
  - Interrupção no abastecimento de água;
  - Interrupção de pesca por tempo indeterminado;
  - Interrupção do turismo;
  - Perda e fragmentação de habitats;
  - Restrição ou enfraquecimento dos serviços ambientais dos ecossistemas;
  - Alteração dos padrões de qualidade de água doce, salobra e salgada;
  - Sensação de perigo e desamparo na população;
  - Altos níveis de turbidez gerados pela onda de lama de rejeitos;
  - Impactos à vegetação natural e às áreas de preservação permanente (APP).
- Como se pode constatar, há prejuízos de toda ordem, pois além dos danos ambientais visíveis e relatados pelos técnicos, houve evidentes perdas de ordem social, cultural, econômico (FILIPIN, FILIPIN, GOMES, 2016, p.2, grifo meu incluindo informação ausente no documento).

Conforme o relatório do IBAMA, é possível concluir que esses prejuízos perdurarão por muitos anos. Contudo, este artigo se debruça especialmente no que condiz às perdas de ordem social e cultural, partindo das narrativas das crianças e educadoras da comunidade escolar de Bento, como carinhosamente a nomeiam. Segue, a título de ilustração, o mapa elucidativo das cidades atingidas desde Bento Rodrigues/MG e Mariana/MG até Regência/ES e Linhares/ES para se ter uma maior dimensão do desastre-crime<sup>14</sup>. Na ilustração, também é possível identificar as cidades de Belo Horizonte, Ouro Preto e Vitória para que se possa entender melhor as distâncias e visualizar a imensidão do trajeto da lama contaminada ao longo da Bacia do Rio Doce.

---

<sup>14</sup> Esse conceito tem sido muito utilizado especialmente por movimentos em prol dos/as atingidos/as por barragens e por pesquisadores/as que reconhecem o rompimento da barragem como um crime. “A designação do próprio rompimento é denominado pelas empresas responsáveis por ele, por alguns segmentos do Estado e pela mídia hegemônica como um acidente. Nessa perspectiva, significa então, entender o rompimento da barragem como circunstância, incidente, imprevisto, causalidade. Em outra direção, os movimentos sociais, o Ministério Público e segmentos das universidades utilizam as denominações desastre tecnológico, desastre-crime e desastre sócio-tecnológico para se referir ao rompimento.” (MARQUES, NOGUEIRA. 2017. p.6)



Figura 8: Mapa ilustrativo da rota da lama, 2018. Fonte: Jornal da Unicamp<sup>15</sup>.

Os danos infringem pelo menos quatro artigos de responsabilidade ambiental regulamentados pela Constituição Federal Brasileira (1988). Após o crime ambiental, a mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton tomou providências iniciais criando a Fundação Renova<sup>16</sup>, destinada a reparar os danos causados de acordo com o Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), conforme decisão judicial<sup>17</sup>. Assim, a Fundação Renova é responsável, inclusive, pelo reassentamento dos subdistritos citados em novos territórios. Desde 2016, a Renova vem promovendo ações de reparação ambiental e socioeconômicas, bem como ações artísticas e culturais. O subdistrito de Bento Rodrigues está sendo “reconstruído” a nove quilômetros de Mariana desde maio de 2016.

Neste artigo é estabelecido um diálogo com narradores e narradoras da comunidade escolar para que possamos compreender o que vem ocorrendo ao longo desses sete anos após o desastre-crime. É necessário levantar esse fato para entendermos o contexto em que a escola está inserida e como isso afeta a comunidade escolar.

Era uma vez um lugar bem pequenininho, mas muito aconchegante, que se chamava Bento Rodrigues [...]

Era um lugar simples, porém cheio de riquezas naturais e minerais. As pessoas levavam uma vida muito simples, mas era a vida deles, a que eles conquistaram e, por isso, davam muito valor [...]

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/03/07/da-agua-para-lama>. Acesso em: 24/09/2022

<sup>16</sup> Site da Fundação Renova: <https://www.fundacaorenova.org/>.

<sup>17</sup> O acordo foi celebrado no bojo do processo nº69758-61.2015.4.01.3400, na 12ª Vara Federal da Seção Judiciária de Minas Gerais. Documento completo disponível em: <http://www.ibama.gov.br/phocadownload/cif/ttac/cif-ttac-completo.pdf>.

Mas, um dia, à tardezinha, uma barragem que ficava bem perto de Bento se rompeu e levou tudo, tudo, tudo mesmo! Até pessoas amigas e parentes. Foi muito triste, sofrido e difícil para todo o povoado. Perderam tudo: as casas, os bichinhos, os quintais, a escola e até sua história e amigos [...] (GONÇALVES, 2017, p.8-22).

Essa citação ilustra a perspectiva de moradores(as) do subdistrito por meio do relato de Flávio Gonçalves que, em 2017, era aluno do 4º ano. Trata-se de uma das narrativas encontradas na coletânea *Bento Passado, Presente e Futuro* (ESCOLA MUNICIPAL BENTO RODRIGUES, 2017), de autoria coletiva, organizado pela professora Fátima Resende<sup>18</sup>. Essa narrativa serve justamente para demonstrar parte do impacto social e cultural que a comunidade sofreu. Isso é ressaltado por Flávio Gonçalves quando ele afirma que esse lugar simples era “cheio de riquezas naturais e minerais” (2017, p.12).

Atualmente, cerca de sete anos depois do crime, as Escolas Municipais de Paracatu de Baixo (EMPB) e Bento Rodrigues (EMBR) ainda estão funcionando em espaços provisórios na sede em Mariana/MG<sup>19</sup> aguardando a reconstrução dos subdistritos. Esses espaços provisórios são, na verdade, casas que foram alugadas, reformadas e adaptadas pela Fundação Renova para o funcionamento temporário das escolas. No caso da EMBR, a casa conta com um anexo: um contêiner que seria destinado ao Programa do Tempo Integral. Devido ao tamanho da casa, foi preciso que algumas turmas do ensino regular exercessem suas atividades no espaço anexo. Não somente as escolas estão em espaços provisórios, como muitas famílias se encontram alojadas em casas e apartamentos pagos pela Fundação Renova até que suas novas residências fiquem prontas. Vale ressaltar que, desde 2015, a comunidade aguarda o reassentamento. Portanto, lá se vão sete anos, considerando que em 2022 as pessoas continuam desterritorializadas.

Inicialmente, as famílias desses subdistritos foram alojadas em hotéis no centro de Mariana e, posteriormente, foram realocadas para casas em bairros distintos da sede. Algumas foram para casas de familiares em outros distritos e, desse modo, a comunidade ficou dividida geograficamente. Além disso, o grupo sofreu uma série de discriminações por parte da população local, haja visto o prestígio e a supremacia econômica da Samarco/Vale/BHP Billiton, que determina e influencia diversas impressões e equívocos frente à situação dos moradores de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo enquanto vítimas.

---

<sup>18</sup> Fátima do Carmo Resende, formada em magistério superior pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente é professora da turma do 4º ano da Escola de Bento Rodrigues.

<sup>19</sup> A EMPB está situada na Avenida Manoel Leandro Corrêa, 102 - Barro Preto; e a EMBR está situada na Avenida Nossa Senhora do Carmo, 71 - Catete

Toda essa transição pode desencadear diferentes sentimentos relativos à identidade e à memória associada ao pertencimento a um território. Por exemplo, as crianças que antes tinham a liberdade de brincar e correr por todo o vilarejo, hoje não têm toda essa extensão de espaço, como aponta a seguinte narrativa de/sobre uma criança moradora de Bento Rodrigues, sobrevivente ao desastre:

Ketellyn, uma garotinha esperta e curiosa, abandonada pela mãe, morava com seus avós desde pequena. Sempre ouvia seu avô dizer que se a barragem estourasse, acabaria com o distrito de Bento. Mas, para sua cabecinha de criança, era difícil imaginar como isso poderia acontecer. Então, a garotinha bombardeava seu avô de perguntas sobre o assunto. Mas nem em sonho, ou melhor, pesadelo, ela poderia imaginar o que presenciou naquele dia 5 de novembro de 2015.

[...] Terror e medo de morrer tomaram conta da menina, que agarrava com todas as forças as pernas do seu avô. Ele a carregou pelo morro acima. Passaram a noite no alto da montanha. Todos juntos, unidos, chorando e rezando, numa tristeza profunda por tantas perdas: amigos, animais, casas, lugares e histórias.

[...] Depois de 2 anos do desastre, Ketellyn achava que as palavras do seu avô eram sábias, pois ele sempre dizia: a natureza é como nós. Veio sobreviver, nasceu de novo, mas nunca será a mesma, pois teve suas raízes arrancadas. Assim como o povo de Bento teve sua história arrancada pelas raízes (MARTINS, 2017, p.10-18).

Também complementa esse acervo de memórias o livro *O João-de-barro e o mar de lama* (2018), escrito pela jornalista e assessora de imprensa da Fundação Renova, Grazi Reis, que conta como foi o rompimento da barragem de Fundão na perspectiva de um João-de-barro. De certo modo, a história soa um tanto irônica por se tratar de um pássaro narrador que faz sua casa com barro e que viu dezenas de casas serem soterradas pela lama. Nessa história, Paula Geralda Alves<sup>20</sup> toma o protagonismo por ter sido a mulher que, com sua motocicleta “Berenice” (REIS, 2018, p.14), seguiu adiante no “mar de lama” até chegar ao vilarejo para avisar que a barragem havia rompido. Ela alertou as pessoas para que pudessem subir para as partes altas, enquanto a barragem de rejeitos vinha em sua direção. Cabe ressaltar que não há nenhuma menção à existência de sirenes ou outra forma de sinalização relativa ao rompimento da barragem por parte da Samarco/Vale/BHP Billiton. De fato, Paula, moradora do subdistrito de Bento Rodrigues, foi quem teve a coragem e o cuidado que muitos não tiveram<sup>21</sup> com sua comunidade. Afinal, os engenheiros, os administradores e os donos das empresas minerárias é que deveriam dispor de medidas de segurança para a proteção da comunidade. Além de Paula, Eliene Almeida, diretora da escola e membro da comunidade de Bento, também teve protagonismo no salvamento das vítimas, tendo retirado cinquenta e oito alunos e alunas do

---

<sup>20</sup> Paula Geralda Alves é membra da comunidade de Bento Rodrigues e trabalhava para uma empresa que prestava serviços para a Samarco. De fato, foi ela que alertou para a tragédia do rompimento e salvou a maior parte de seu povo.

<sup>21</sup> É possível conferir no vídeo do momento exato do rompimento da barragem de Fundão: [https://www.youtube.com/watch?v=WMHqSp7lse8&ab\\_channel=FalaS%C3%A9rio](https://www.youtube.com/watch?v=WMHqSp7lse8&ab_channel=FalaS%C3%A9rio). Acesso em: 11/09/2022

caminho da lama, conduzindo-os para a parte mais alta do distrito<sup>22</sup>. O mais notório e admirável é que Paula Alves se deslocou de moto, à frente do “mar de lama”, arriscando a própria vida em prol da sua comunidade<sup>23</sup>. Ressalta-se, portanto, o protagonismo feminino, a presença de mulheres que alteram o curso da história ao proteger sua comunidade, defendendo-a sem medir esforços, superando o medo, o desespero e se posicionando, sem hesitar, pela existência e continuidade de seu povo.

É inadmissível a instalação de uma represa de rejeitos minerários acima de territórios, como se deu no subdistrito de Bento. Desde o século XVII, está confirmada a presença de colonizadores portugueses, inclusive pela capela de São Bento (Barroco Mineiro), datada de 1718 e considerada patrimônio histórico<sup>24</sup>, que também foi soterrada pela lama.

Se no texto de Grazi Reis o narrador é um pássaro, um João-de-barro, nas histórias de *Bento Passado, Presente e Futuro* (ESCOLA MUNICIPAL BENTO RODRIGUES, 2017), as narrativas são de alunas e alunos que contam e registram as suas memórias, que são organizadas pela professora e fortalecidas, ainda, pelas memórias de seus familiares. São cinco livros, sendo que três deles trazem, já nos títulos, referências às memórias do passado-presente: *Bento: meu lugar, meu lar* (Ketellyn Cristina da Silva Martins); *Bento: Um lugar de encantos* (Flávio Eduardo Messias Gonçalves, Brayan Júnior do Nascimento, Allan Luciani da Silva); *Brincadeira todo dia era nossa alegria* (Cintia Aparecida de Oliveira, Cristian Júnior). Os outros dois livros da coletânea trazem as memórias do desastre e apontam para uma esperança de futuro: *Um lindo Bento existiu, mas a lama o destruiu* (Lavynia Beatriz Felipe Silva, Silvany Michelle da Silva, Ricardo Eduardo Santos Matias) e *Que o tempo nos traga um novo Bento* (Myrella Conceição Silva). Todos eles trazem o seguinte prefácio da professora e organizadora Fátima Resende:

Esta iniciativa teve como propósito motivar os alunos do 4º ano a externar, com palavras e imagens, coloridas memórias do lugar onde viveram suas histórias: nas ruas, nos quintais, na escola, na capela... dos dias e noites na convivência despreocupada com o passar do tempo, que parecia estar imune às incertezas da vida. Talento e coragem foram ingredientes essenciais na construção das histórias, pois episódios tristes, alegres e saudosos foram contados nestas páginas com muita sinceridade e clareza de quem as vivenciou intensamente. Nestas narrativas, percebe-se claramente o desejo de refazer o que não foi apenas um sonho, um conto de fadas, mas de fato a vida naquele lugar de simplicidade. Um brilho intenso e triste num olhar

---

<sup>22</sup> Conferir a matéria completa no Jornal Pragmatismo Político: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/a-diretora-de-uma-escola-municipal-que-salvou-58-criancas-em-mariana.html>. Acesso em: 30/08/2022

<sup>23</sup> O depoimento de Paula Alves sobre o rompimento da barragem de Fundão pode ser acessado pelo link: [https://www.youtube.com/watch?v=mPA33mBtu5c&ab\\_channel=LeandroRodriguesdeSouza](https://www.youtube.com/watch?v=mPA33mBtu5c&ab_channel=LeandroRodriguesdeSouza). Acesso em: 11/09/2022

<sup>24</sup> Ainda antes do século XVII, há registros de habitação nessa região por povos indígenas, conforme a cartilha da própria mineradora responsável pelo desastre-crime: “Bento Rodrigues é uma região de grande valor cultural. Antes da colonização portuguesa, essa região já era ocupada por indígenas” (2013).

perdido demonstra que as crianças sentem saudades de tudo, até mesmo dos momentos difíceis e ruins que porventura tenham vivido naquele lugar. Saudades saltam dos seus olhos ao lembrarem do som que orquestrava os dias de festas, o toque dos sinos na capela em louvor a São Bento pela graça de viver aquela simples vida. São depoimentos recheados de verdades, sentimentos, medos, angústias e muitas saudades. A eles agora restam a esperança de um recomeço... (RESENDE, 2017).

Para além do prefácio, todos os livros da coletânea trazem uma dedicatória a uma das vítimas que perdeu sua vida no rompimento da barragem de rejeitos, o aluno Thiago Damasceno dos Santos, que na época tinha sete anos:

Os alunos do 4º ano, sensibilizados pela ausência do amiguinho Thiago, falecido no desastre da barragem, dedicam este trabalho à memória daquele garotinho alegre, sorridente e falante que alegrava de forma contagiante a sala de aula e a todos à sua volta com um jeitinho brincalhão e peralta de ser (RESENDE, 2017).2017)

A coletânea produzida por alunas e alunos surge como um manifesto, junto aos gritos e lágrimas, de forma que as ilustrações que acompanham as narrativas poéticas sejam consideradas vozes acerca das vivências e angústias das crianças e das educadoras que, no turbilhão dos acontecimentos, muitas vezes são silenciadas, deixadas em segundo plano ou até ocultadas.

Há de se considerar uma questão importante, uma vez que em ambas as narrativas a representatividade negra é pouco considerada, especialmente nas ilustrações. A população de Bento Rodrigues é majoritariamente parda ou negra<sup>25</sup>, contudo, nas ilustrações do livro de Reis e em alguns dos livros dos(as) discentes da Escola Municipal de Bento Rodrigues, a população aparece representada de maneira diferente de seu grupo étnico-racial, uma vez que a negritude não é ressaltada. No que concerne às ilustrações dos(as) autores(as) de *Bento Passado, Presente e Futuro* (ESCOLA MUNICIPAL BENTO RODRIGUES, 2017), é possível identificar o impacto do colonialismo presente na população, o que se estende pelo Brasil de modo geral e leva as pessoas não brancas a buscarem se adequar a esse padrão. Isso decorre do racismo estrutural<sup>26</sup> que está incutido em nós, brasileiros(as), de tal maneira, que muitas pessoas não se identificam com sua raça, sendo assim invisibilizadas.

---

<sup>25</sup> “Em relação aos dados raciais, se considerarmos o total populacional do distrito de Santa Rita Durão já poderíamos mostrar a predominância de pardos e pretos na população do distrito, sendo 1.365 pardos (69,8%) e 196 Pretos (10%), ou seja, 79,8% da população (1.561 hab.) se declarou parda ou preta, segundo definição do IBGE, no Censo 2010. Na zona rural do distrito, o perfil da população era de 340 pardos (68%) e 81 pretos (16,2%), isto é, a proporção de pardos e pretos era de 84,2%, superior a proporção total presente na totalidade do distrito. Considerando que 98,4% da população rural de Santa Rita Durão correspondia ao povoado de Bento Rodrigues, pode-se inferir uma proporção de pardos e pretos próxima ou igual a 84%.” (WANDERLEY, 2015, p.3)

<sup>26</sup> “Essa noção diz respeito à situação de risco que se encontram populações majoritariamente negras, pardas, indígenas. Há de se reconhecer um efeito desproporcional sobre alguns grupos étnicos em situação de maior vulnerabilização social e/ou econômica. Essas questões estão associadas às injustiças sociais e ambientais que

No livro *O João-de-barro e o mar de lama* (2018), essa justificativa não é plausível. Pode-se questionar ao ilustrador, Quinho Ravelli, os motivos pelos quais ele não se ateu aos traços de identificação racial do povo de Bento Rodrigues. Enquanto não tomarmos consciência do racismo estrutural presente em nossa sociedade, procedimentos de embranquecimento continuarão perdurando, o que configura uma herança do colonialismo.

Em se tratando de identidade social, na Escola Municipal Bento Rodrigues (EMBR) é perceptível que as pessoas da comunidade escolar mantêm as suas memórias vivas: memória de como era a vida antes da irrupção da lama e memória do fatídico dia em que a barragem se rompeu. A professora Fátima e a diretora da Escola têm papel fundamental na preservação da memória, inclusive na mencionada coletânea que faz parte do Projeto *Do passado ao presente: Futuro? Reconhecendo o tempo!*, realizado em 2017 com apoio da Fundação Renova. A coletânea é resultado das atividades de elaboração do luto e preservação da memória com os alunos e as alunas a respeito de como era o vilarejo e como ele pode vir a ser em um futuro. Mesmo que esses relatos tenham sido publicados em 2017, ainda hoje escuto as histórias que minhas alunas e meus alunos contam sobre o subdistrito, ou seja, todas as narrativas são acerca das memórias da comunidade de Bento que resiste. As crianças autoras são, atualmente, adolescentes com cerca de quinze anos e estão no nono ano da EMBR.

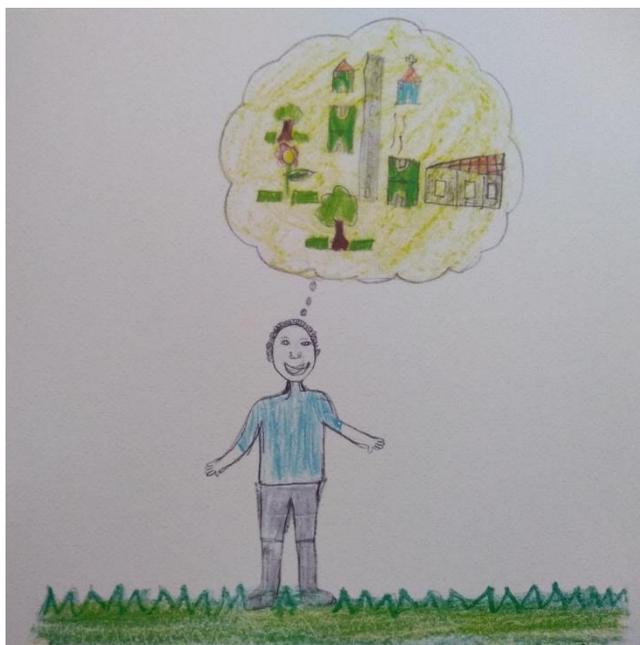


Figura 9: Ilustração do livro *Bento Um lugar de encantos* (2017).  
Fonte: NASCIMENTO, 2017, p.33

---

recaem de forma implacável sobre essas etnias e populações mais vulnerabilizadas, tenham elas ou não intenção explicitamente racista.” (MARQUES, 2020, p.100).

Além de alunas e alunos, algumas funcionárias, professoras e a diretora também eram moradoras do subdistrito e, nesse sentido, percebo que a relação estabelecida na escola é de um forte sentimento de comunidade. Exemplo disso é o fato de que a diretora Eliene Almeida, por conhecer cada estudante e seu contexto familiar, mantém um diálogo com as crianças e jovens que supera a distância que pode haver em relações institucionais, sendo que ela é uma pessoa bem próxima e afetuosa com as crianças e seus familiares. Isso acarreta um aspecto importante para o desenvolvimento educacional: as crianças são mais tranquilas/calmas, além de serem participativas, visto que são ouvidas e acolhidas, inclusive pela direção da escola. Outro aspecto fundamental é o fato de a escola ser o ponto de apoio da comunidade por ser a única instituição que permanece em funcionamento após o desastre, como afirma Eliene em reportagem para o jornal Agência Primaz (2022):

[...] eu sempre falo que a comunidade de Bento permanece unida através da escola. Foi a única entidade, vamos dizer assim, que não se desfez, ao longo desses anos. Tudo ficou mais distante. Mas a escola, ela ainda continua aproximando as pessoas de Bento.<sup>27</sup>

Para além do aspecto físico que pode justificar a união da comunidade com a escola, há de se considerar o sentimento coletivo do trauma, das perdas<sup>28</sup> e de sonhos e objetivos em comum, assim como a expectativa de terem seu território e sua cultura de volta, conforme relatos incluídos na coletânea citada e em reportagens de jornais e artigos.

### **Oficina de Teatro e Dança e seus atravessamentos**

Meu primeiro contato com a Escola Municipal Bento Rodrigues não foi diretamente com as crianças, uma vez que no período de março a junho as aulas ainda não haviam começado. Então, durante esse período foram realizadas atividades de reconhecimento das escolas e atividades formativas. O Programa do Tempo Integral iniciou as aulas na EMBR somente em junho e, até então, eu cumpria meu horário realizando outras atividades administrativas na escola provisória em Mariana.

Nesse período, tive a oportunidade de fazer uma visita juntamente com alunos e alunas do ensino regular ao Novo Bento, como é chamado o reassentamento do subdistrito localizado a nove quilômetros de Mariana. Pude conhecer a nova escola, ver algumas casas já construídas e a esperança nos olhos de quem há mais de seis anos perdeu tudo. A escola do Novo Bento

---

<sup>27</sup> Matéria completa disponível em: <https://www.agenciaprimaz.com.br/2022/02/22/lancamento-do-livro-aqui-tinha-uma-escola/>. Acesso em: 03/09/2022

<sup>28</sup> Emanuely Vitória Fernandes, cinco anos; Thiago Damasceno dos Santos, sete anos (*in memoriam*).

conta com um prédio sustentável: escoamento próprio para reaproveitamento de água, estrutura das salas com ventilação adequada, janelas posicionadas de modo a utilizar menos iluminação artificial, teto verde etc. É uma escola bem ampla (maior do que a do antigo assentamento), que conta com quadra poliesportiva coberta, sala multimídia, biblioteca, laboratório de ciências e salas destinadas exclusivamente às atividades do Programa do Tempo Integral. Ao se considerar o número de estudantes atendidos atualmente – cento e trinta e nove estudantes – a escola já se mostra grande. Em 2023, o número de estudantes advindos de famílias que de fato propõem-se a morar no Novo Bento gira em torno de sessenta e nove, segundo dados levantados pela direção da escola. Ou seja, a estrutura da nova escola se revela imensa para a comunidade atualmente prevista. A respeito dessa grande estrutura, cabe o questionamento: a comunidade escolar foi ouvida acerca do projeto arquitetônico? As necessidades das crianças foram colocadas em pauta para a construção da nova escola? Nesse sentido, é pertinente observar que a Fundação Renova, ao realizar medidas compensatórias, parece não se abrir a diálogos com a comunidade, investindo em um projeto de engenharia arrojado, semelhante ao de escolas particulares e, contudo, um tanto distante da realidade. Ao mesmo tempo em que a empresa se mostra eficiente, é importante ressaltar o quão problemático foi a falta de consulta/escuta à comunidade escolar para a construção do prédio, uma vez que o número de estudantes que residirá no reassentamento vem diminuindo na medida em que as obras progridem.

Conforme o relato de Eliene Almeida em uma entrevista realizada no mês de setembro de 2022<sup>29</sup>, além do pouco diálogo da Fundação Renova com a comunidade escolar, há o fato de que muitas famílias desistiram de morar no Novo Bento. Essa desistência se deu por motivos diversos, dentre eles, a limitação espacial do terreno disponibilizado pela Fundação, bem como a localização do reassentamento que, mesmo estando a nove quilômetros de Mariana, não conta com nenhum outro distrito no entorno próximo, diferente do antigo Bento. Dentre as adversidades é preciso ressaltar que nessas comunidades rurais são frequentes as práticas de agricultura familiar e criação de animais.

Nesse sentido, é importante retomar um pensamento de Krenak (2020, p. 16) sobre “o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza”. Embora possa parecer que a Renova está trabalhando com agilidade e tendo ótimo desempenho, ao me deparar com narrativas de atingidos(as) em meu cotidiano e em reportagens e pesquisas que mostram sua perspectiva, a construção e entrega do reassentamento

---

<sup>29</sup> Entrevista realizada em 21/09/2022, na Escola Municipal Bento Rodrigues.

está aquém das expectativas em termos de especificidades de modos de vida e de prazo, uma vez que a finalização das obras estava prevista para o ano de 2019.



Figura 10: Escola Municipal Bento Rodrigues no Novo Bento, 2021.  
Fonte: Fundação Renova<sup>30</sup>.

### **Teatro: entre morte, angústias e fantasmas**

Ao dar início às atividades do Tempo Integral na Escola de Bento Rodrigues, eu estava empolgada, já havia planejado toda a minha aula para as minhas duas turmas, do 1º e 2º e do 3º ao 5º ano. Em meu planejamento, iniciariamos com uma roda, todas(os) se apresentariam (nome, o que gosta de brincar), faríamos um alongamento e, depois, alguns jogos teatrais, como o “espelho, hipnotismo, ganha o último e zip zap boing”<sup>31</sup>. Porém nem sempre o planejado é realizado, ao menos, foi assim com a turma geminada do 3º ao 5º ano.

Nos apresentamos através do jogo das quatro coisas, inventado por mim, que consiste em se apresentar a partir de quatro coisas: nome, do que gosta de brincar, o que gosta de comer e algum gesto/movimento que deve ser repetido por todos(as). As “coisas” podem variar, mas é interessante iniciar com o nome e finalizar com o movimento. Em seguida, quando fui propor o alongamento, percebi que as crianças estavam indispostas e cansadas. Naquele instante, notei

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/reassentamentos>. Acesso em: 30/08/2022

<sup>31</sup> Espelho (SPOLIN, 2008); hipnotismo, ganha o último, zip zap boing (BOAL, 1998)

que o planejamento de fato serviria apenas como uma indicação das atividades, mas que o mais importante é ouvir as necessidades da turma. Nesse sentido, conduzi um relaxamento com música tranquila e dei algumas orientações, como em uma meditação guiada: “Deitem-se e soltem o peso do corpo no chão. Inspirem e expirem profundamente. Imaginem uma bolinha bem no centro de suas testas, e a cada respiração ela ganha cor e brilho. A cada respiração ela circula pelo corpo”. Também fui dizendo as partes do corpo em que essa bolinha imaginária percorria (rosto, membros superiores e inferiores, coluna). Fizemos uma roda de encerramento para que eu tivesse um retorno do nosso encontro e, de modo geral, as crianças gostaram de fazer o relaxamento, também me disseram as cores que imaginaram para suas bolinhas. Então, uma aluna contou que teve um pesadelo: nele, ela havia morrido e estava dentro de um caixão ou algo nesse sentido. Não aprofundei muito a conversa, pois ela se mostrava incomodada. Ao final, pedi para que trouxessem no próximo encontro um desenho das visualizações que tiveram durante o relaxamento.

Apesar de, naquele momento, não ter dado a devida atenção ao pesadelo que minha aluna relatou, há um tempo observo e busco o sentido de sonhos de pessoas do meu convívio ou relatados pelos(as) discentes. Uma das definições vem da perspectiva da psicanálise, que considera que o sonho é a realização de desejos ou medos inconscientes. Do ponto de vista do neurocientista Sidarta Ribeiro (2022), os sonhos são uma conexão muito profunda com nosso mundo interior, são o espaço das possibilidades, onde podemos ser criativos e encontrar saídas para nossos problemas. Ribeiro (2022) diz ainda que quando alguém passa por uma experiência muito negativa, essas memórias ficam gravadas pela vida toda, a menos que haja terapia adequada para não reproduzir os efeitos do trauma nos sonhos. No entanto, o sonho também pode ser considerado como um ideal, por exemplo, o ideário de uma comunidade, ao partir de algo onírico e caminhar para a idealização, ou como o devir, na forma do desejo de se reunir novamente. Krenak (2020), por sua vez, amplia a perspectiva de sonho:

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas (KRENAK, 2020, p. 52-53).

Se busco o sentido dos meus próprios sonhos, não pude ignorar os sonhos de outras pessoas que foram aparecendo ao longo das memórias pessoais e pesquisas deste trabalho. Pude

identificar histórias de sonhos e pesadelos com o dia do rompimento da barragem de Fundão e/ou relacionados à lama ou à morte. Em se tratando de morte, ao longo das minhas aulas, observei que ela também estava presente: apareceu no sonho da menina citada e foi trazida na montagem da cena teatral para a Semana do Tempo Integral. Como dito anteriormente, o tema da Semana do Tempo Integral<sup>32</sup> – de 26 a 30 de setembro – abordaria a arte e cultura marianense, o que me impulsionou a buscar por lendas da região, sendo que uma delas interessou às crianças e se tornou um mote para se criar uma cena teatral.

Há algum tempo eu conheci a lenda da “Procissão das almas”, até então, pela voz da professora Hebe Rôla<sup>33</sup>, em uma gravação de áudio feita pelo meu amigo e colega de trabalho Hayslan Rodrigues<sup>34</sup>. A procissão das almas, além de ser um evento do calendário católico de Mariana<sup>35</sup>, traz consigo essa lenda, que talvez seja uma adaptação de *A Procissão do Miserere*, recolhida por Waldemar de Moura Santos (1966). Conta a lenda que havia uma mulher muito fofoqueira, seu nome era Maricota. Ela fora expulsa de seu bairro devido a tanta conversa “fiada”, e foi morar na rua onde passava a procissão das almas. Mudando-se de casa, também mudou seus costumes e decidiu trocar a noite pelo dia, mas Maricota não sabia que à meia-noite da sexta-feira da paixão passava a procissão em frente à sua residência. Como a população morria de medo, trancavam-se em casa, fechavam portas e janelas temendo que algo ruim acontecesse. Maricota ignorou o aviso e ficou debruçada na janela mesmo assim. De longe ouviu o bumbo, as matracas, os gemidos e a canção:

Reza mais {bis  
Reza mais uma oração  
Reza mais {bis  
Pra alma que morreu sem confissão  
Reza mais {bis  
Reza novena e trezena  
Reza mais {bis  
Pra alma que morreu sem cumprir pena!<sup>36</sup>

Ao passar pela janela de Maricota, um participante da procissão estendeu a mão e lhe entregou uma vela dizendo: “– Mulher, a noite é dos mortos. Guarde esta vela para mim”. Maricota pegou a vela e continuou na janela aguardando a procissão voltar. Assim que a

---

<sup>32</sup> Conforme já mencionado anteriormente, a Semana do Tempo Integral, é a semana em que serão apresentados os trabalhos desenvolvidos por cada oficina até então (período de junho a setembro de 2022).

<sup>33</sup> Professora emérita da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>34</sup> Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto e professor de escolas do Estado de Minas Gerais no município de Mariana, Minas Gerais.

<sup>35</sup> Como conta Hebe Rôla na seguinte entrevista: [https://www.youtube.com/watch?v=vfHXg\\_GDU0E&ab\\_channel=MuriloHenriqueGarcia](https://www.youtube.com/watch?v=vfHXg_GDU0E&ab_channel=MuriloHenriqueGarcia). Acesso em: 11/09/2022

<sup>36</sup> Canção reproduzida pela contadora de histórias Hebe Rôla, que ouviu com outra contadora de histórias moradora de Diogo de Vasconcelos.

procissão retornou, outro participante estendeu a mão e lhe entregou outra vela dizendo: “– Mulher, guarde a sua língua, amanhã estaremos juntos em outras paragens. Pegue a minha vela!”. A fofoqueira pegou a vela, guardou-a debaixo do travesseiro e foi dormir. No dia seguinte, quando acordou, foi pegar a vela para espalhar a notícia e, assim, viu que era um osso de canela humana. A coitada teve um grande susto fatal, isto é, teve um “piripaque” e “caiu dura no chão”, para usar o caráter oral que acompanha a lenda e seus relatos.

Essa lenda chamou a atenção de minhas alunas e meus alunos do 1º ao 5º ano, sendo elencada como a primeira opção de cena para ser apresentada, teatralmente, na referida mostra do Tempo Integral. Cabe ressaltar que foi a partir dessa história que os(as) discentes se sentiram mais empolgados(as) e dispostos(as) a participar das minhas aulas de Teatro e Dança, ou seja, a morte acabou sendo revestida por aspectos lendários e cômicos.

Ainda tentamos buscar outros livros na biblioteca da escola, foi quando encontramos *O João-de-barro e o mar de lama* (REIS, 2018), livro que as crianças já conheciam e, assim que comecei a folheá-lo, pude ouvi-las contar histórias do dia 5 de novembro de 2015, especialmente em relação à dificuldade que seus familiares enfrentaram para escapar do mar de lama, já que elas tinham cerca de um a três anos naquela ocasião. Em um primeiro momento, fiquei apreensiva quanto ao modo de tratar desse assunto com os(as) estudantes, pois não sabia o quão perturbador, psicologicamente, poderia ser. Tive medo de acessar tristezas que eu talvez não pudesse lidar ou contornar. Mas, na verdade, as crianças de Bento Rodrigues me mostraram que tocar no assunto do rompimento da barragem de Fundão é uma forma de manutenção das memórias afetivas e de resistência. Mostraram-me que essa história é para ser contada e não ser esquecida. É a maneira que encontraram de não soterrar completamente o seu vilarejo. Sendo assim, sugeri aos(às) participantes da encenação que juntássemos as duas histórias: a “Procissão das almas” e *O João-de-barro e o mar de lama* (REIS, 2018).

Minha sugestão era que, com a segunda história, fosse encenada a suposta continuação do livro, ou seja, que as crianças contassem como está o Novo Bento neste ano de 2022 e quais eram as suas expectativas de se mudarem para o reassentamento juntamente a suas famílias.

Estávamos nos preparando para mais uma aula-ensaio quando a pedagoga Fatinha<sup>37</sup> anunciou que as professoras Fátima Resende e Daniele Teixeira<sup>38</sup> haviam iniciado um trabalho com as turmas do 4º e do 5º ano acerca de lendas de Bento Rodrigues, como “Os fantasmas da

---

<sup>37</sup> Maria de Fátima Corrêa Ferreira, carinhosamente conhecida como Fatinha, é formada em Pedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). Atualmente é coordenadora de um dos blocos (conjunto de escolas) do Programa do Tempo Integral.

<sup>38</sup> Daniele de Oliveira Teixeira é graduada em Normal Superior, na Universidade Presidente Antônio Carlos. Atualmente é professora da turma do 5º ano da Escola de Bento Rodrigues.

Rua Dona Olinda”, “A noiva suicida”, “Os fantasmas da Pedra Grande” e “O redemoinho do capeta”. Nesse trabalho, a minha aluna Bianca S. Leôncio foi quem contou a lenda “Os fantasmas da rua São Bento”<sup>39</sup>.

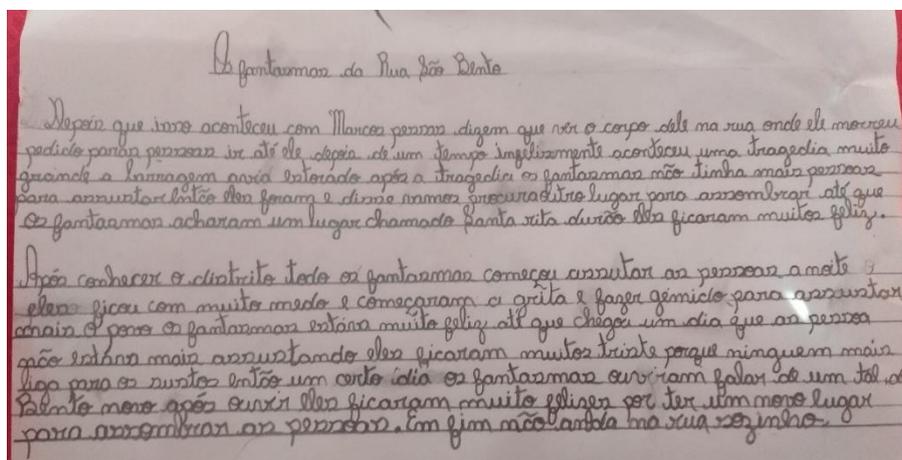


Figura 11: Foto do caderno da aluna Bianca Stefany Leôncio com a lenda “Os fantasmas da rua São Bento”, 2022<sup>40</sup>. Fonte: arquivo pessoal.

Integramos essa terceira história na cena que foi apresentada na Semana do Tempo Integral do mês de setembro, afinal, trata-se de uma lenda de Bento, com a qual as crianças demonstraram maior identificação, pois demarca o território e mantém a memória da comunidade viva. Desde o dia em que a lenda “Os fantasmas da rua São Bento” nos foi apresentada, entendi que o livro *o João-de-barro e o mar de lama* (REIS, 2018) não caberia na cena, tampouco havia instigado os(as) estudantes a criar algo relacionado a ele. Desse modo, a narrativa a ser encenada foi se configurando até chegarmos na seguinte história:

#### A PROCISSÃO DAS ALMAS E OS FANTASMAS DA RUA SÃO BENTO

NARRADORA - Em Bento Rodrigues havia uma mulher muito fofqueira, ela era conhecida como Maricota. Ela era tão conversada, que às vezes alguém tinha que dar um copo d’água pra ver se parava de falar.

<sup>39</sup> Lendas da tradição oral referentes a Bento Rodrigues, reunidas em 2014 pela Escola Municipal de Bento Rodrigues.

<sup>40</sup> Transcrição da imagem:

Os fantasmas da Rua São Bento

Depois que isso aconteceu com Marcos, pessoas dizem que veem o corpo dele na rua onde ele morreu pedindo para as pessoas irem até ele. Depois de um tempo, infelizmente aconteceu uma tragédia muito grande: a barragem havia estourado. Após a tragédia, os fantasmas não tinham mais pessoas para assustar, então, eles foram e disseram: vamos procurar outro lugar para assombrar. Até que os fantasmas acharam um lugar chamado Santa Rita Durão. Eles ficaram muitos felizes.

Após conhecer o distrito todo, os fantasmas começaram a assustar as pessoas à noite. Eles ficaram com muito medo e começaram a gritar e fazer gemido para assustar mais o povo. Os fantasmas estavam muito felizes, até que chegou um dia que as pessoas não estavam mais assustando. Eles ficaram muito tristes porque ninguém mais liga para os sustos. Um certo dia os fantasmas ouviram falar de um tal de Bento novo e, após ouvir, eles ficaram muito felizes por ter um novo lugar para assombrar as pessoas. Enfim, não ande na rua sozinho.

Maricota morava na rua São Bento, e todo dia a partir das 6 horas da manhã, ela se sentava em um banquinho na porta de casa pra vigiar a vida do povo. Às vezes ela cantava antes do galo. E saía contando da vida de todo mundo. Falava quem entrava e saía do bar de Sandra, falava quem se confessou com o padre, falava quantos caminhões e máquinas passavam ali por perto... E quando cê achava que ela não tinha assunto, ela inventava alguma história!

*[Maricota faz fofoca com a amiga. Se assusta com os fantasmas.]*

NARRADORA - Mas certo dia, cansados de suas fofocas, os moradores e moradoras de Bento expulsaram Maricota! O povo já tava tão de saco cheio, que até os fantasmas da rua São Bento expulsaram a faladeira.

*[Vizinhos expulsam Maricota]*

NARRADORA - Maricota se mudou para uma rua do centro histórico de Mariana. Logo que saiu de Bento, recebeu uma notícia muito triste.

*[Amiga liga avisando que a barragem da Samarco rompeu]*

NARRADORA - Maricota já estava no alto escalão da fofoca, e nem se sensibilizou pelo seu povo, de tão preocupada que estava em espalhar a notícia. Parecia até muita gente que vemos por aí...

Os fantasmas da rua São Bento, juntamente com a população do distrito, foram para Santa Rita Durão, e depois vieram para Mariana. As famílias ficaram espalhadas pelos bairros, algumas se mudaram até para outros distritos. Mas os fantasmas, ficaram justamente vagando pelo centro histórico, pois é por estas ruas que passa a Procissão das Almas, toda sexta-feira da Paixão.

NARRADORA - E numa bela noite de sexta-feira da Paixão, Maricota perdeu o sono e decidiu espiar a Procissão. Ela fez o que ninguém se atrevia a fazer, pois todos os moradores morriam de medo das Almas, e a partir das 18h já fechavam suas janelas e trancavam suas portas. Maricota ficou bem apoiada na janela, seus cotovelos já tinham até calos, mas ela não se importava.

E de longe começou a ouvir os sons da Procissão das Almas:

Primeiro, o bumbo

*[Maricota se empolga]*

Depois a matraca

*[se empolga mais]*

Logo dava pra ouvir os gemidos e a canção

*[se empolga cada vez mais]*

Reza mais {bis

Reza mais uma oração

Reza mais {bis

Pra alma que morreu sem confissão

Reza mais {bis

Reza novena e trezena

Reza mais {bis

Pra alma que morreu sem cumprir pena!

NARRADORA - E do meio da Procissão, alguém sai e vai direto na janela de Maricota.

ALMA *[estende a vela]* - Mulher, a noite é dos mortos. Guarde esta vela para mim

NARRADORA - A fofqueira ficou tão empolgada de recuperar sua popularidade que preferiu esperar a Procissão retornar:

Reza mais {bis

Reza mais uma oração

Reza mais {bis

Pra alma que morreu sem confissão

Reza mais {bis

Reza novena e trezena

Reza mais {bis

Pra alma que morreu sem cumprir pena!

NARRADORA - E novamente, surge outra alma da Procissão e vai até a janela de Maricota.

ALMA *[estende a vela]* - Mulher, guarde a sua língua, amanhã estaremos juntos em outras paragens. Pegue a minha vela!

NARRADORA - Maricota guardou a vela debaixo do travesseiro, para no dia seguinte mostrar a todos o presente que ganhou.

Ao acordar, foi logo pegando a vela debaixo do travesseiro. Mas quando olhou, viu que a vela tinha virado um osso de canela humana! Maricota caiu dura no chão, morreu de susto! Quando foram enterrar a fofqueira, foi preciso dois caixões: um pro corpo, e outro pra língua!

Maricota aprendeu sua lição. Sua alma se uniu a dos fantasmas da rua São Bento. E logo eles ficaram sabendo do Novo Bento, e foram direto pra lá, perambular e assombrar os moradores e moradoras novamente.

TODOS - E tome cuidado com a sua língua<sup>41</sup>

Como dito, não houve aprofundamento na história do João-de-barro e nem interesse por parte das turmas em falar sobre o Novo Bento. Afinal, quase sete anos após o rompimento da barragem, ainda não foram concluídas as obras do reassentamento. Por enquanto, há notícias de quarenta e sete casas prontas dentre as cem casas a serem construídas. Portanto, ainda operam mais de dois mil trabalhadores(as) nesse grande canteiro de obras, inviabilizando a mudança para o Novo Bento<sup>42</sup>. A Fundação Renova, em seu vídeo institucional, alega já ter construído cinquenta e três casas até o mês de julho deste ano de 2022<sup>43</sup>. Ainda que a Fundação tenha dado aval para as famílias com casas construídas se mudarem para o novo território, o promotor Guilherme Meneguim, do Ministério Público de Minas Gerais, aconselhou que a comunidade aguardasse até o final do ano, até mesmo para se assegurarem de que a Renova não descumprirá mais um prazo e que os(as) moradores(as) não saiam novamente prejudicados. Sendo assim, com o reassentamento em obras e com a escola funcionando na sede, não foi possível que as famílias se mudassem para lá, ou seja, a comunidade ainda não vivenciou o futuro tão aguardado. Então, o que haveria de ser contado sobre o Novo Bento?

Posto isso, faz sentido que a memória ainda esteja viva, pois mesmo construindo novas residências, em um novo território, a comunidade não apagará o desastre-crime que mudou o rumo de suas vidas. E tão significativo quanto a desterritorialização é a memória da cultura dessa comunidade, trazida nos livros de *Bento Passado, Presente e Futuro* (ESCOLA MUNICIPAL BENTO RODRIGUES, 2017), nas edições do jornal *A SIRENE - Para não esquecer*<sup>44</sup>, em atos de resistência com manifestações religiosas e através da narrativa oral.

---

<sup>41</sup> Composição da turma a partir das lendas citadas para a construção de improvisações cênicas, tendo participado: Ana Clara Clementino, Reidrick Silva Felipe Isabel, Laryssa Emanuely dos Reis, William Douglas dos Santos, Layla Kemilly de Souza Nunes, Eloá Kethalyn Martins e Bianca Stefany Leôncio.

<sup>42</sup> Como é possível conferir na matéria da edição de setembro/2022 do jornal *A Sirene - PRA NÃO ESQUECER*: [https://issuu.com/jornalasirene/docs/setembro\\_2022\\_grafica](https://issuu.com/jornalasirene/docs/setembro_2022_grafica). Acesso em: 21/09/2022

<sup>43</sup> Como é afirmado neste vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=XD0vTpm1Qes&ab\\_channel=Funda%C3%A7%C3%A3oRenova](https://www.youtube.com/watch?v=XD0vTpm1Qes&ab_channel=Funda%C3%A7%C3%A3oRenova). Acesso em: 24/09/2022

<sup>44</sup> O Jornal surgiu após o rompimento da barragem a fim de dar voz aos e às atingidas e circular as notícias a respeito das comunidades atingidas. Para saber mais, acesse: <https://jornalasirene.com.br/sobre>

Existe algo nessas histórias, a “Procissão das almas” e “Os fantasmas da rua São Bento”, com o que as crianças se identificam, um misto de medo e riso. Por ora, os fantasmas assustam e vagam. Desde o crime da Samarco/Vale/BHP Billiton, o povo de Bento Rodrigues vaga buscando um lugar, já que foram desterritorializados, sem esquecer de seus mortos ou antepassados. E por onde vagam, assustam, no sentido do rechaço, pela própria população de Mariana, em especial, depois das famílias receberem uma quantia (ressarcimento) como acordo estabelecido no termo de Transação e Ajuste de Conduta (TTCA). A população sofre a incompreensão do povo da sede (e de outros distritos) mediante o repasse do dinheiro (que é um direito) à comunidade, gerando preconceitos e rejeição contra os atingidos. No entanto, mesmo antes de haver qualquer movimentação ou acordo financeiro, o povo de Bento já sofria com a xenofobia e com comentários nada empáticos e maliciosos, como se a responsabilidade do rompimento fosse deles, invertendo as posições do chamado desastre-crime. Sendo assim, há de se perceber que a desterritorialização adquire aspectos para além da geografia. Não só adultos sofrem esse desprezo, mas também as crianças que, instaladas em escola temporária, logo começaram a sofrer *bullying* e a ouvir insultos depreciativos.

De volta à apresentação teatral, como estímulo para a criação de personagens, aos poucos trazíamos elementos cênicos de casa e que poderiam ser utilizados em cena, tais como: tecidos, velas e instrumentos musicais. Conforme nossos ensaios avançavam, eu propunha mais elementos, inclusive aqueles disponíveis na escola: outros instrumentos musicais e materiais para a confecção do cenário, que foi feito com papelão, tinta e um suporte de madeira.



Figura 12: Finalizando a pintura da casa de Maricota, cenário de “A procissão das almas e os fantasmas da rua São Bento”, 2022. Fonte: arquivo pessoal.

Para além da identificação com os fantasmas, na montagem cênica está presente uma característica campesina: a casa de Maricota tem a pintura parecida com o corpo de uma vaca malhada. O único elemento cenográfico da montagem de “A procissão das Almas e Os fantasmas da rua São Bento” é a casa da personagem Maricota, feita de papelão, com uma estrutura provisória de madeira, apenas para dar sustentação. Fiz no papelão o recorte da janela e o mostrei à turma para que criassem uma pintura para a casa de Maricota. Logo surgiu a ideia de fazerem uma pintura malhada, semelhante à de uma vaca. Quando a pintura já estava quase pronta, a aluna Eloá K. Martins percebeu que, de fato, parecia o corpo de uma vaca, mas dando para ver somente as costas. Então lhes perguntei por que decidiram pintar uma vaca, ao que Eloá respondeu: “Porque a casa fica na roça, uai!”. Com essa afirmativa, constatei que há uma identificação com a vida no campo que está presente nos relatos da coletânea de 2017, quando os alunos e alunas recordam como era a vida em Bento, suas brincadeiras pelo vilarejo, a liberdade que tinham de correrem pelas ruas e o contato próximo com a natureza (as matas, os rios).

Outra vez, a turma dos carreteiros adentrou a mata pedalando, mas o mato agarrava nas rodas e os impediam de seguir. Mas, o que fez com que eles saíssem da mata correndo foi uma enorme cobra que comia um rato tranquilamente na trilha onde eles

passariam. Assustados com o bicho peçonhento, eles voltaram para casa e novamente ganharam castigo por desobedecer as mães.

E assim era a rotina deles, agitada e cheia de novidades, susto, risadas, diversões e castigos.

Quantas saudades da liberdade essa turma tem, pois agora moram em apartamentos e casas sem quintais e brincar na rua a mãe não deixa (OLIVEIRA, JÚNIOR, 2017, p. 33-34).



Figura 13: Ilustração de Cristian Júnior no livro *Brincadeira todo dia era a nossa alegria* (2017).  
Fonte: OLIVEIRA, JÚNIOR (2017).

Não se trata apenas de características da vida no campo, como também de outra relação com o brincar. Uma das angústias que as crianças sofrem com a habitação atual é o fato de morarem em residências limitadas espacialmente e de não poderem brincar na rua, visto que a localização pode trazer perigos (trânsito mais intenso, violência etc.). Muitas crianças ficam resignadas e são tomadas pelo uso excessivo de celulares, deixando para trás um atributo essencial para o desenvolvimento: a brincadeira.

A infância na roça possibilita o desenvolvimento de muitas habilidades e uma relação com a natureza que faz com que se alimentar das frutas seja mais divertido e prazeroso. Em Bento Rodrigues e em Paracatu de Baixo, nos pés de goiaba, jaboticaba, acerola, manga e de muitas outras frutas, as crianças se deliciavam ao mesmo tempo em que brincavam subindo nas árvores e “roubando” frutas dos vizinhos. As árvores também ofereciam abrigo quando as crianças fugiam das broncas dos pais. Lá no alto era como se nada pudesse lhes acontecer (EUZÉBIO, GONÇALVES, MARCELINO, SILVA, MARCELINO, SILVA, ANACLETO, SILVA, FELIPE, FERNANDES e COTA, 2019, p. 8).



Figura 14: Ilustração do livro *Bento Um lugar de encantos*, 2017. Fonte: NASCIMENTO, 2017.

Na ilustração de Brayan, é possível identificarmos brincadeiras comuns de territórios com amplo espaço verde, animais e árvores que fazem parte das narrativas, sendo memórias vivas nos livros mencionados da Escola Municipal de Bento Rodrigues.

Enfim, chegou o dia da apresentação da cena “A procissão das almas e os fantasmas da rua São Bento”<sup>45</sup>. As alunas e os alunos estavam muito empolgadas(os) e ansiosas(os) para apresentá-la, já que as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental foram convidadas para prestigiar a encenação. O roteiro estava sendo seguido até a entrada da segunda personagem: a vizinha que contracena com Maricota. A aluna que representaria esse papel ficou demasiadamente nervosa por entrar em cena e teve uma crise de choro. Tentei acalmá-la e lhe dar segurança para entrar em cena, entretanto, sem sucesso, achei melhor não insistir. Acredito no potencial transformador do teatro, mas de nada adianta se ele se tornar algo obrigatório. Assim, a ausência da atuante que faria a vizinha de Maricota logo foi resolvida com outra atuante que se habilitou a representar o papel. Acontece que, ao entrar em cena para contracenar com a colega que representava a Maricota, as atuantes tiveram um acesso de riso que contagiou

---

<sup>45</sup> Atuantes: Ana Clara Clementino, Bianca Stefany Leôncio, Kayque Monteiro, Laryssa Emanuely dos Reis, Layla Kemilly de Souza Nunes, Reidrick Silva Felipe Isabel e Thamara Lunara Souza.

a plateia, lembrando que era a cena da apresentação das fofoqueiras, portanto, contava com aspectos cômicos.

O nervosismo de estar em cena tem diferentes maneiras de se manifestar, tem gente que chora e tem gente que ri. Além da ausência daquela que chorou, tivemos que lidar com a falta de um dos atores que representava o papel de uma das almas que entregava uma das velas à Maricota. Como é de praxe no teatro, tivemos que improvisar, então, sugeri ao ator que entregava a primeira vela à Maricota, que também entregasse a segunda. Como mais uma manifestação da emoção de estar em cena, o ator se atrapalhou e entregou as duas velas de uma vez. Essas duas situações que poderiam ser entendidas como erros, na verdade, nessa ocasião, mostraram-se mais como uma possibilidade de a brincadeira estar em cena. Afinal, improvisar em cena é brincar. Neste sentido, o teatro é uma brincadeira, ainda que revestida de seriedade.

Após a apresentação, surgiram alguns comentários debochados na turma a respeito da colega que não entrou em cena. Fizemos a desmontagem e, enquanto aguardamos o momento do lanche, aproveitei para fazer a roda de encerramento, na qual conversaríamos sobre nossas impressões da apresentação. Nesse momento, resaltei todo o processo de criação coletiva que foi percorrido até essa primeira apresentação, lembrando os encontros anteriores e, em resposta às provocações, destaquei que em tais encontros a aluna em questão participou ativamente. Lembrei, portanto, do processo de criação cênica e recorri à conscientização acerca das demais funções no fazer teatral, tais como a cenografia, a direção e a dramaturgia que vão além da atuação, valendo-me de exemplos práticos a partir do trabalho apresentado. Foi emocionante ver os olhos das crianças brilhando após se apresentarem. Penso que a ansiedade que envolve a apresentação, também conhecida como “borboletas no estômago”, é o que faz as pessoas se sentirem vivas.

Durante a cena, a plateia se manteve conectada com os(as) atores, que se mostraram muito concentrados(as) e atentos(as) à representação. O público se mostrou tão imerso à apresentação teatral, que quando surgia alguma brecha de desconcentração, alguém da plateia chamava a atenção. Muitos ficavam atentos ao desenrolar da trama e riam de acordo com o desenrolar das cenas. Assim, foi possível acompanhar seus olhares de espanto ou, até mesmo, a reação de repulsa ao verem o osso que Maricota achou debaixo do travesseiro<sup>46</sup>.

Vidas e mortes comparecem na representação da lenda das almas de Bento Rodrigues, entre aspectos dramáticos e cômicos. E como a morte, em suas várias dimensões, já foi tanto lembrada e encenada, faço aqui alusão à vida. Reverencio a vida que resiste e aquela que virá,

---

<sup>46</sup> Devido a aparência do osso que, apesar de adquirido em um petshop, tinha aspecto de osso que se encontra em açougues.

a vida que perpetua nas memórias, na oralidade. Reverencio essas vidas que são presença e resistência, força e leveza: assim são as crianças de Bento Rodrigues na Oficina de Teatro e Dança.

### **Considerações finais**

Entre tantas reflexões possíveis a partir das leituras e do teatro realizado nessa comunidade escolar com as crianças de Bento Rodrigues, retomo a ideia de território, ainda que por questões relacionadas à desterritorialização. Quando Flávio Gonçalves, discente da EMBR, conta em sua narrativa literária que Bento Rodrigues era um povoado pequeno, aconchegante e que “[as] pessoas levavam uma vida simples, mas era a vida deles, a que eles conquistaram e, por isso, davam muito valor.” (2017), ele revela um histórico que perdura por gerações. Refiro-me à trajetória desse território que, historicamente, principia com os povos indígenas, resiste à colonização dos portugueses e à escravização de povos indígenas e africanos e ainda enfrenta os impactos das empresas minerárias internacionais e seus poderes econômicos e políticos. Era um lugar simples, mas era deles, diz o autor do povo de Bento Rodrigues e, neste sentido, o território é perpassado pela conquista e reconhecimento de direitos, sendo compreendido não só como lugar de morada, mas também como afirmação de sua liberdade e ancestralidade.

A ideia de território encontrada no *Vocabulário de Deleuze* (2004) é muito significativa neste contexto:

[...] o conceito de território decerto implica o espaço, mas não consiste na delimitação objetiva de um lugar geográfico. O valor do território é existencial: ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. O investimento íntimo do espaço e do tempo implica essa delimitação, inseparavelmente material [...] e afetiva (fronteiras problemáticas de minha "potência"). O traçado territorial distribui um fora e um dentro, ora passivamente percebido como o contorno intocável da experiência (pontos de angústia, de vergonha, de inibição), ora perseguido ativamente como sua linha de fuga, portanto como zona de experiência (ZOURABICHVILIP, 2004, p.23).

Para além das possíveis dimensões de território que envolve a geografia, a política e a economia, é preciso reconhecer a importância vital, afetiva e ancestral de território. Podemos compreender, ainda, uma outra referência conhecida: aquela do território do brincar<sup>47</sup>. Sob o viés do teatro e, em especial, considerando as infâncias, a brincadeira é fundamental e propicia um estado de atenção indispensável para viver e para várias cenas. A ludicidade é o caminho

---

<sup>47</sup> Faço uso da expressão “território do brincar” a partir do livro do Instituto Alana, organizado por Renata Meirelles (2015), disponível em: [https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio\\_do\\_Brincar\\_-\\_Di%C3%A1logo\\_com\\_Escolas-Livro.pdf](https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf)

de diálogo que busco com as crianças e, ao dar espaço à brincadeira – o que é o mesmo que dar espaço à escuta – dá-se ouvidos ao que a criança tem a dizer e, muitas vezes, é através do brincar que ela se expressa e se manifesta. A escola de Bento Rodrigues tem sido um espaço de resistências, o território do brincar e da reunião da comunidade, e as oficinas de Teatro e Dança são um lugar para esses acontecimentos. Por fim, a partir das sugestões de Krenak (2020), no contexto abordado neste trabalho, entendo que a Oficina de Teatro e Dança é uma oportunidade de cantar e dançar para adiar o fim do mundo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luciene Maria da Silveira e SILVA, Mauro Marques da. Casa ou canteiro de obras?. *Jornal A SIRENE Para não esquecer*. Ano 7, edição nº 77. Mariana, setembro de 2022. Disponível em [https://issuu.com/jornalasurene/docs/setembro\\_2022\\_grafica](https://issuu.com/jornalasurene/docs/setembro_2022_grafica). Acesso em 21/09/2022.

BOAL, Augusto. *200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não-ator Com Vontade de Dizer Algo*. São Paulo. Editora Civilização Brasileira, 1988.

CAMARGOS, Daniel. Presidente da Fundação Renova é denunciado pelo Ministério Público por comércio ilegal de madeira na Amazônia. *Repórter Brasil*. Publicado em 23 de maio de 2019. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/05/presidente-da-fundacao-renova-e-denunciado-pelo-ministerio-publico-por-comercio-ilegal-de-madeira-na-amazonia/> Acesso em 04/10/2022.

CARNEIRO, Erica Mariosa Moreira. Da água para a lama. *Jornal da UNICAMP*. Publicado em 07 de março de 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/03/07/da-agua-para-lama> Acesso em 24/09/2022.

ESCOLA MUNICIPAL BENTO RODRIGUES. *Bento Passado, Presente e Futuro* org. Fátima Resende. Fundação Renova. 2017.

EUZÉBIO, A. L.; GONÇALVES, K. F.; MARCELINO, L. G.; SILVA, L. M.; MARCELINO, L. A L.; SILVA, M. E. A.; ANACLETO, P. E.; SILVA, R. K.; FELIPE, R. L.; FERNANDES S.; COTA, W. S. Os pés de frutas da roça. *Jornal A SIRENE Para não esquecer*. Ano 4, edição nº 42. Mariana, outubro de 2019.

FILIPIN, A. L.; FILIPIN, A. S.; GOMES, L. J. O rompimento da barragem do fundão e as responsabilidades ambientais da pessoa jurídica. *Revista Jus Navigandi*. jun 2016. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/49680>. Acesso em 11/09/2022 19:31.

GARCIA, Murilo Henrique. *Procissão das Almas - Entrevista com Profª Hebe Rôla*. YouTube. 2018 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vfHXg\\_GDU0E&ab\\_channel=MuriloHenriqueGarcia](https://www.youtube.com/watch?v=vfHXg_GDU0E&ab_channel=MuriloHenriqueGarcia) Acesso em 11/09/2022.

IBAMA. *Rompimento da Barragem de Fundão: Documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana/MG*. Última atualização 13 de agosto de 2020. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/cites-e-comercio-exterior/cites?id=117> Acesso em: 11/09/2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOUREIRO, Luiz. Lançamento do livro “Aqui tinha uma Escola”. Agência Primaz. Mariana. 2022. Disponível em <https://www.agenciaprimaz.com.br/2022/02/22/lancamento-do-livro-aqui-tinha-uma-escola/> Acesso em 03/09/2022.

MANO a MANO: *Mano Brown recebe Sidarta Ribeiro*. Entrevistado: Sidarta Tollendal Gomes Ribeiro. Entrevistador: Mano Brown. Spotify, 21 de abril de 2022. Podcast. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/0ml5hCcOCu3LP5Pt2wkFnZ?si=1nytt1zHSFqOBuDDzzB\\_0A&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/episode/0ml5hCcOCu3LP5Pt2wkFnZ?si=1nytt1zHSFqOBuDDzzB_0A&utm_source=whatsapp) Acesso em: 06/10/2022.

MARQUES, Monique Sanches. Notas sobre o Real: expulsões e sofrimento social das populações atingidas em Mariana/MG. *Indisciplinar*, 6(1), 96–119. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2525-3263.2020.26247> Acesso em 26/09/2022.

MARQUES, M. S; NOGUEIRA, S. M. A. *De quem é essa terra? Os impactos socioespaciais da mineração pós-rompimento da barragem de Fundão em Mariana/MG*. XVII ENANPUR, São Paulo. 2017.

MEIRELLES, Renata [org]. *Território do brincar: diálogo com escolas*. São Paulo: Instituto Alana. 2015.

MINAS. Jornal Estado de. *Parte das ruínas de Mariana será alagada*. Postado em 31 de outubro de 2016. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/10/31/interna\\_nacional,819643/parte-das-ruinas-de-mariana-sera-alagada.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/10/31/interna_nacional,819643/parte-das-ruinas-de-mariana-sera-alagada.shtml) Acesso em 12/10/2022.

OLIVEIRA L. L. F.; SANTOS H. B.; THOMÉ R. G.; CHEQUER F. M. D. *Efeitos tóxicos à saúde humana e ao ambiente causados pelo derramamento de rejeitos de minério da barragem de Fundão*. Journal of Health and Biological Sciences. v. 9, n. 1. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/3535>

Organização Pan-Americana da Saúde. *Folha informativa sobre Covid-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em: 11/09/2022.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *A diretora de uma escola que salvou 58 crianças*. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/a-diretora-de-uma-escola-municipal-que-salvou-58-criancas-em-mariana.html> Acesso em 30/08/2022.

REIS, Grazi. *O João-de-barro e o mar de lama*. 2ª edição. Belo Horizonte: Páginas Editora, 2018.

RILOS, Arthur. *Rompimento barragem Samarco Bento Rodrigues MOMENTO EXATO*. YouTube. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WMHqSp7lse8&ab\\_channel=ArthurRILOS](https://www.youtube.com/watch?v=WMHqSp7lse8&ab_channel=ArthurRILOS) Acesso em 11/09/2022.

SANTOS, Milton. *O retorno do território*. En: OSAL : Observatório Social de América Latina. Ano 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires : CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282 Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> Acesso em 10/11/2022

SANTOS, Waldemar de Moura. *Lendas Marianenses*. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, 1966.

SOUZA, Leandro Rodrigues de. *Desastre de Mariana-MG: depoimento*. YouTube. 2015. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=mPA33mBtu5c&ab\\_channel=LeandroRodriguesdeSouza](https://www.youtube.com/watch?v=mPA33mBtu5c&ab_channel=LeandroRodriguesdeSouza)  
Acesso em 11/09/2022.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*/Viola Spolin. Trad Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TERMO DE TRANSAÇÃO E AJUSTAMENTO DE CONDUTA. Disponível em:  
<http://www.ibama.gov.br/phocadownload/cif/ttac/cif-ttac-completo.pdf> Acesso em  
11/09/2022.

WANDERLEY, Luiz Jardim. *Indícios de Racismo Ambiental na Tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica Relatório Preliminar*. Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS). Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

YKS Serviços, Gerência de Desenvolvimento Socioinstitucional Samarco. *Bento Rodrigues, sua história, patrimônio e cotidiano*. Colaboração de Filomeno da Silva, Antônio Alves. Projeto Gráfico: Branca Mindêllo. 2013.

ZOURABICHVILIP, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Edlouro, 2004.